ANO 3.° LISBOA--SEXTA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 1923 N.° 710

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

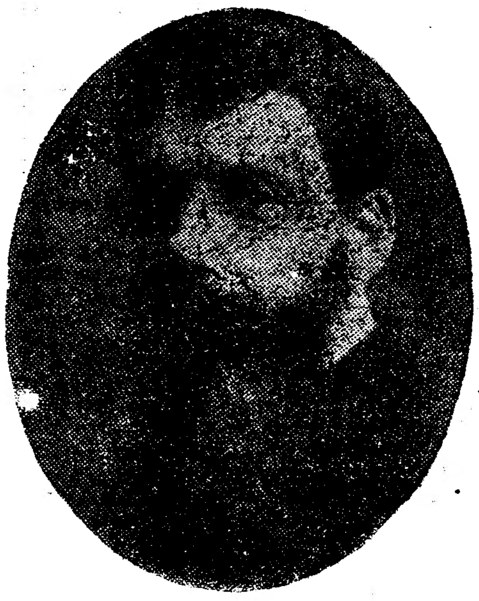
Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

ARTISTAS

TEIXEIRA LOPES

FALA AO «DIARIO DE LISBOA»

UM MOMENTO DE BOM HUMOR



Não conheciamos Teixeira Lopes, senão dos retratos que as revistas e jornais teem publicado. Francisco de Lacerda apresentou no-lo há dias na *Charcuterie.*

O mestre escultor é um nobre tipo de estatuaria: a sua formosa cabeça de linhas perfeitas, o be o modelado da fronte, os olhos limpidos, serenos e sonhadores, a face rosea de saude, os labios de uma fina carnação pagã, as barbas longas, ligeiramente branqueadas, arranjam-lhe uma cabeça rigorosamente artistica.

Veste de preto; na lapela do jaquetão a roseta da Legião de Honra.

A sua figura fixa-se sempre, em todos os movimentos, num ligeiro desvio da vertical, como é proprio dos que trabalham o marmore, subjugados pela realização dos seus deslumbramentos.

Ao seu lado, achava-se Antonio Arroyo cuja fisionomia tranquila, levemente bonacheirona, se ilumina com uns olhos maliciosos e perscrutadores que não se deteem no estudo das aparencias.

O mestre da critica queixa-se da sua idade que já lhe permite ser tão familiar com as mulheres que estas o beijam como a um patriarca.

No entanto, a sua palavra duma juventude perpetua, os seus ditos de espirito, os seus conceitos e as suas observações mordentes dão-lhe um desmentido.

O maestro Francisco de Lacerda—sangue e nervo, acção e quimera—é bem diferente dos dois. Legião de Honra, tambem. Traz o sentimento em permanente primavera: as suas largas e demoradas viagens que o fizeram conhecer a vida, sem se roçar pelas suas vulgaridades e miserias, imprimem á sua conversa uma graça pitoresca, um sabor de vinho capitoso que encanta os seus ouvintes.

Os três—destinos diversos, temperamentos diversos, espiritos diversos—unem-se pela mesma amizade fraterna.

Sentados a uma mesa da *Charcuterie,* falam incançavelmente do seu passado que lhes envia saudades aos braçados.

Como estes homens ríem com alegria e saude!

Teixeira Lopes, olhando para Lucilia Simões que, neste encontro de celebridades nacionais, recebe todas as atenções e homenagens que o seu grande talento merece, diz:

—«Minha senhora, eu sou um optimista, pois creio com muita fé na nossa Patria e na minha arte. Ao contrario de tantos que desanimam, espero, cheio de confiança, dias de gloria para nós todos.

—E eu tambem!—fez Lucilia.

Logo o jornalista, habituado a ouvir constantemente, nas safaras terras da politica, desabafos e clamores de derrotismo, aproveitou a oportunidade para lançar algumas preguntas.

—Podia dizer-me, caro mestre, donde lhe vem tão viva certesa?

—De mim proprio, dos alvores em que palpita o meu coração. Portugal não é país que se perca nas agruras dum momento.

As suas energias são seculares e imortais.

—Registo com grande prazer tão sincera afirmação. Mas...

—Não aponha restrições. Sei o que quere dizer. Ha pessimistas?

Tenho encontrado varios e alguns com bastante eloquencia.

Trata-se de creaturas que não *se construiram* para viver, mas para morrer. Os artistas nacionais não pertencem a tal grei.

—Como a sua obra respira numa atmosfera de mocidade e frescura, devemos esperar, portanto, que seguirá a mesma rota luminosa e portuguesa...

—E' esse o meu proposito. Mas não julgue que penso em repetir-me. A minha alma religiosa abre-me perspectivas amplas. Desejo crear coisas novas. Vejo-as, toco-as quasi. Busco a vida e a beleza com um desejo insaciado. Detesto clichés, lições decoradas, tecnicas envelhecidas. Para com os meus discipulos procedo com uma lealdade absoluta, deixando a cada um a livre manifestação da sua individualidade. Reputo um crime desviar uma vocação do seu verdadeiro caminho.

—Ficar-lhe-hia muito grato, mestre, se me explicasse o caso de Soares dos Reis, dentro da sua maneira de ver.

—Penso que o autor do *Desterrado* não teve tempo de terminar a sua evolução. Que soberbas creações ele nos daria, se se libertasse completamente da influencia dos italianos! Não encontrou oportunidade para isso, porque a morte o levou numa idade em que todas as esperanças lhe eram permitidas. Sacrificava, por um prurido de escola, a inspiração que é a essencia da arte, o fogo imaculado do sonho, á preocupação rigorosa de certos detalhes a que atribuiu uma excessiva importancia. O culto que lhe tributamos não nos deve impedir de o apreciarmos com verdade. Carecia de percepção religiosa, profunda, como a exige a vida humana.

—Que pensamento o guiou, quando esculpiu a *Historia* que, com tão melancolica severidade, vela junto da sepultura do Oliveira Martins?

—Quiz dar a impressão duma figura, sem banalidades alegoricas, na qual se sintetisa toda a experiencia de oito seculos—sofrimentos e alegrias, triunfos e derrotas, duvidas e certezas, horas de entusiasmo e horas de tortura. Oliveira Martins não podia ser interpretado doutra maneira, parece me...

—Conheceu Junqueiro? Viveu na sua intimidade?

—Fomos velhos amigos. Palestrámos muito. Nunca me foi possivel, porém, *fixá-lo* num simples esboço ou estudo. A sua vivacidade de poeta, o seu verbo metafórico, divagava, idealisava, perdia-se na metafisica. A *forma escultural* não era a mais propria para apreender a torrente inflamada das suas visões e profecias.

—Tem algum trabalho entre mãos, neste momento?

—Sem duvida. Agora descanso em Cintra, onde vou mandar construir uma casa, na Estefania. Um dia destes descobri uma criança, um pretinho, que me seduziu. Que maravilha! Estou enamorado dele.

Nesta altura, Erico Braga—mascara fulgurante de vencedor, um riso feliz á flôr dos labios—declarou que a festa que Teixeira Lopes oferecera, na sua casa de Vila Nova de Gaia, quando ultimamente represent ra no Porto com sua esposa, fôra qualquer coisa de inedito, de encantador—goso dos sentidos e requintado prazer espiritual.

—E' dificilimo igualá-la, impossivel esquecê-la, afirmou o maestro Lacerda que nela tomara parte com os melhores elementos da Filarmonia.

Antonio Arroyo lembrou a celebre noite em que, na Invicta, subiu á scena a peça de D. João da Camara—*Os Velhos.* O publico reservado, porventura arisco, só a muito custo rompeu a sua friesa. Apenas o entusiasmo chispou, os aplausos estrondearam calidos, infindaveis.

Depois do espectaculo, houve ceia, musica, versos, anedotas, piadas, brindes, abraços e *bôas noites.* Lucilia tocou piano, com invejavel exito.

D. João da Camara, poeta que amava a noite e as sombras que povoam de drama e misterio, quiz divagar pela ruas, não obstante o silencio que sobre elas pesava, calmo como a imensidade do deserto.

Antonio Arroio teve dificuldades em dissuadi-lo.

Francisco de Lacerda, a proposito de D. João da Camara cujo nome é de admiração e magua saudosa para os convivas da *Charcuterie,* onde um friso de Leal da Camara canta uma mimosa e rustica policromia primaveril, esboça a sua teoria espiritista sobre o papel dos *mediuns* que Leon Denis deve expor num proximo livro.

Antonio Arroio, risonho e scaptico, convidou-o a não se enredar em matapsiquica. Lacerda protestou, conquistando duas vozes para o seu lado. Esboçou-se uma oposição. Discordancias e discussões.

Lucilia interveio espirituosa:

—Oh Lacerda, você encontra-se como o *Mar Alto* do meu estimado Antonio Ferro! **X.**

Teixeira Lopes
dando os ultimos toques na «Verdade», da estatua de Eça de Queiroz

Tauromaquia

Gaôna

Do nosso brilhante critico tauromaquico sr. Manuel Afonso Rodrigues (El Rodriguito) recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—Ha dias publicou o seu conceituado jornal uma entrevista com o matador de touros Rodolfo Gaona, baseada em apontamentos que colhi quando da sua recente estada nesta cidade e que mandei para essa redacção, nos quaes reproduzia umas interessantes considerações feitas durante a sua longa carreira tauromaquica.

Tendo essa entrevista levantado uma certa celeuma nos meios que se interessam pela arte da tauromaquia, ser-me-hia muito agradavel que v. tivesse a amabilidade de tornar publico que não me deve ser atribuida a responsabilidade de muitas das afirmações feitas nesse artigo, sendo talvez conveniente acrescentar que o distinto jornalista que escreveu sobre os meus apontamentos, certamente mais desejoso de fazer literatura do que de obedecer á verdade, teve afirmações ousadas e absolutamente gratuitas que eu de modo algum posso perfilhar.

Assim, por exemplo, cito as seguintes:

Classificar Gaona de «espada» de segunda categoria, apodando-o ainda por cima de «maleta»; que o mesmo conservava guardada dentro dum frasco a orelha dum touro que o tinha colhido, e por fim que tinha aceso um charuto tomando o ar mais domesticado desta vida.

Nada disto faria com que eu incomodasse v. se no mesmo artigo se não dissesse que as afirmações nele contidas eram «tão real e verdadeiramente» como se estivessem saindo da minha boca.

Aguardando que v. faça a justiça que me é devida, peço a v. a publicação desta carta e creia-me mais uma vez grato dos favores que me tem dispensado.

Sem outro assunto, subscrevo-me com estima e consideração, de v., etc., *Manuel Adolfo Rodrigues* (El Rodriguito).

Nota — Fazemos nossas as palavras do distintissimo critico tauromaquico do *Diario de Lisboa*. Os seus pequenos apontamentos, tiveram que ser refundidos e ampliados de modo a dar ao leitor o interesse jornalistico, que eles não tinham. Com certeza que nenhum dos admiradores de Gaona se sentiu melindrado, ao afirmar-se que o ilustre espada, ao lado de qualquer *manton de manilha*, guarda preciosamente uma orelha dum autentico *Miura*. O touro já não pode reclamar, e uma orelha, mesmo quando seja de burro, num interior de toureiro, prova que este tem da vida e dos seus amigos um encantador conceito filosofico.

Fica tambem para a historia tauromaquica aquele charuto que Gaona acendeu no decorrer da entrevista. E' justamente melindrado por não lhe ter oferecido um igual, que o entrevistador de Gaona, repele pudicamente o vicio do ilustre espada de 1.ª ou 2.ª categoria, conforme a opinião livre de cada um.

São estes toques curiosos que o jornalista deu ao relato simples do nosso querido critico tauromaquico, ao lado das suas afirmações tão *reais e verdadeiras como se tivessem saido da sua boca*, que deram ao *Diario de Lisboa*, uma interessante pagina de jornalismo. Só nos resta agradecer ao nosso brilhante critico tauromaquico e ao redactor que tão inteligentemente ampliou e enriqueceu a entrevista que tanto interesse despertou, apesar de tudo, entre os aficionados.

UM PAIS MISTERIOSO

O Algarve

está perdido na bruma esfumada

dum longiquo mar...

O Algarve — o paiz das moiras, dos poetas sonhadores, das mulheres lindas...

O Algarve! — Quem não terá ouvido falar nesse paiz misterioso cujas escarpas graniticas, hieráticas, se debruçam amorosas, sobre as aguas limpidas, esmeraldinas, do imenso Atlantico?

Quem, na sua infancia, não ouviu narrar as lendas fantasticas dum paiz oriental, perdido na bruma esfumada dum longinquo mar?

... e o Algarve é esse paiz misterioso, onde á noitinha — quando o mar infinito dedilha a sua eterna canção nas fragas limosas, — passeiam lendarias princesas pelo braço de moirinhas encantadas, acenando das vetustas barbacãs dos castelos arruinados, ao mar marulhante, sussurrante, cujas vagas franjadas de nivea escuma, ora se desfazem impetuosas contra os rochedos, ora se espreguiçam langorosas, amorosas, sobre a fulva areia da praia.

... e as praias do Algarve que são tão lindas, tão cheias de sol, explendentes de encanto, perenes de formosura...

* * *

O Algarve — o empório de Portugal, a provincia mais rica do nosso paiz, é lançada ao desprezo. Ao desprezo humilhante, como se fôra uma região inculta, habitada por selvagens.

Como se não valesse de nada o arrojo de seus filhos, que, desafiando o mar tempestuoso, vão arrancar-lhe das linfaticas e embravecidas entranhas o oiro, a vida, o trabalho.

Como se de nada valesse o trabalhar sobre um sol escaldante, flamante, ceifando o trigo, colhendo os frutos, espalhando flores...

Como se o fumo vomitado pelas chaminés das suas centenas de fabricas, fosse apenas uma vulgar distração de selvagens, e não fosse a maior prova do arduo e constante labor do afanoso povo deste rincão vicejante da terra luzitana.

O Algarve tem os seus portos assoreados; as suas estradas intranzitaveis; as suas praias abandonadas.

Essas praias lindas onde o mar se estorce em convulsões lubricas.

O governo nada lhe dá, embora dele receba muitos milhares de escudos anualmente. A receita dum ano bastaria ao Algarve para fazer as obras mais importantes tais como: desassoreamento e construção dos portos principais — Vila Real de Santo Antonio, Faro — Olhão, Portimão e Lagos — ; reparação das estradas, cujo estado, actualmente, é mais que lastimoso; aformoseamento das praias, etc.

Mas o Estado não atende o Algarve, não presta a minima atenção aos justos e arrazoados protestos dos seus filhos. Sómente quere dinheiro, muito dinheiro Lá tem os seus funcionarios e os seus ministros a pedir-lho. E ele não póde recusar. Tem de dá-lo, tem de havê-lo seja de que forma fôr.

E assim esta provincia — a mais bela do «jardim da Europa» — continua abandonada, esquecida dos poderes publicos. Um abandono humilhante, chocante, revoltante.

O Algarve tem o seu futuro delineado, o seu progresso assegurado. Mas para isso necessita de autonomia administrativa. Unica forma dele poder progredir e engrandecer-se.

Porque não lha concede o governo? Nada perderia com isso o paiz, pelo contrario, muito teria a lucrar.

A obra monumental está esboçada. A ligação do Algarve com a Africa por uma linha ferrea.

O ponto de partida dessa linha é Vila Real de Santo Antonio — Ayamonte (*) (ligadas as duas povoações por carreiras de vapores que o Sul e Sueste organizava) com escala em Algeciras, ligando depois com Casa Branca (Marrocos), e daí seguindo ao longo do Mediterraneo até Alexandria, podendo ser ligada a linha Alexandria-Cartum que vai ter ligação com a linha Cabo-Lourenço Marques.

Ficava assim a rede ferroviaria portuguesa ligada á africana, podendo-se ir a Lourenço Marques pelo Caminho de Ferro em poucos dias.

E' pois uma obra monumental que com vontade e algum dinheiro se podia levar a cabo.

A linha ao longo do Mediterraneo dentro de alguns anos estará concluida. O tempo aproximado que se gastará na conclusão da de Huelva-Ayamonte e Cartum-Cabo.

Desnecesarsio, senão superfluo, será enumerar os proventos que esta obra traria ao nosso comercio e á nossa industria, que, num momento, veria escancarar-se-lhes as portas dos mercados africanos. onde as nossas conservas de qualidade regular têm um grande consumo.

Vila Real de Santo Antonio — o primeiro porto algarvio e o terceiro do paiz — seria a New-York portuguesa, porto de escala da navegação do Mediterraneo que se dirigisse para a America, o porto de escala para os produtos algarvios e do baixo-Alemtejo.

Diminuiria o movimento no porto de Lisboa? Certamente! Mas aumentaria o movimento deste porto, porque muitas carreiras de navios que hoje tocam em Sevilla e Huelva, trocariam aqueles portos pelo nosso, visto este lhe proporcionar condições que aqueles estão muito longe de possuir, e, tambem mais precisão na linha de navegação.

Por isso pode-se fazer uma ideia do que será dentro de alguns anos o Algarve, se o Estado lhe dedicar mais um pouco de atenção e o auxiliar como deve.

Fala-se, tambem, na ligação telefonica do Algarve com Espanha e Gibraltar por intermedio de Vila Real-Ayamonte.

E' este um melhoramento muito importante e que ao govreno compete dispensar a maxima atenção.

* * *

E' preciso que se saiba que o Algarve não é sómente o paiz das moiras encantadas, dos poetas sonhadores, das mulheres lindas...

Além das canções romanticas dos seus poetas tem ele, tambem, os silvos dos apitos das inumeras fabricas, espalhadas pela costa; tem poetas do trabalho cujas ternas cantigas, embora sem ritmo, têm fogo, têm ardor; são coragem para ir arrancar ás entranhas esmeraldinas do mar, o saboroso peixe que comemos ao almoço, que vemos, cheios de curiosidade, trabalhar nas fabricas.

Quem nunca conviveu com o pescador algarvio não póde fazer uma ideia da dedicação de esses homens rudes, tostados pelos raios do sol, pela brisa do oceano.

O Algarve! — Esta palavra lembra algumas paginas da nossa historia; evoca o perfil másculo do fundador da nossa Patria.

O Algarve! O Algarve. — Quem não terá ouvido falar nesse paiz misterioso, cujas escarpas granitticas, hieráticas, se debruçam, amorosas, sobre as aguas limpidas, esmeraldinas, do imenso Atlantico?

JOSÉ BARÃO

(*) A linha ferrea Huelva-Ayamonte, segundo me consta, vai ser concluida.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa das Antas, viscondessa de Champalimand de Duff, D. Maria da Piedade Proença de Almeida Garrett, D. Maria de Lourdes Horta e Costa de Mascarenhas e Menezes, D. Amelia de Aguiar e Lemos Teixeira Cardoso de Castro e Silva, D. Maria Adelaide Vanzeller de Castro Pereira Balsemão, D. Amelia Freire Cortes de Albuquerque, D. Josefa Forbes de Magalhães, D. Maria Amalia da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Maria das Dores Amaral Cabral, D. Tereza Reynolds e D. Maria de Lourdes de Magalhães e Silva.

E os srs.:

Conde de Tomar, D. José de Noronha (Paraty), dr. João Centeno, dr. Carlos Ferreira Pires. Antonio de Castro e Lemos (Côvo), Vasco Anjos (Fontalva), Manuel de Melo Vaz de Sampaio e João Lourenço Talone da Costa e Silva Posser de Andrade.

Diplomatas

Para o Bussaco donde seguirá para Madrid em automovel, partiu hoje o sr. D. Alexandre de Padilla, ilustre ministro de Espanha em Lisboa.

Pontos de reunião

No «Eldorado»

O elegante teatro do Parque Mayer, onde se estão exibindo todas as noites magnificos numeros de variedades, continua sendo um dos pontos de reunião preferidos pela nossa melhor sociedade que ainda se encontra em Lisboa. Assistindo ás ultimas sessões recorda-nos ter visto entre outras as senhoras:

Madame Fiscowitch, condessas de Castelo Mendo e de Calhariz, D. Laura Gomes de Faria, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Elza Marques Pereira, D. Maria Emilia Leite de Sousa e Castro e filhas D. Maria Emilia, D. Ana Maria e D. Maria de Lourdes; D. Maria Felismina Gomes de Freitas e filha D. Maria Laura; D. Maria Augusta de Vasconcelos Bastos, D. Maria do Carmo Pinto de Sousa Alves e filhas, D. Maria Eugenia e D. Maria Alice; D. Sereira Gomes Anzalach, mesdemoiselles Pereira Coelho e Sousa Amaral. etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará amanhã de tarde «rendez-vous» nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse e á noite no Cinema Condes, «soirée» da moda.

Tarde elegante

E' cada vez maior o interesse que está despertando a tarde de domingo na praça de touros do Campo Pequeno em que se realiza a sensacional corrida em cujo elenco figuram os melhores elementos apresentados até hoje. Os principais logares encontram-se tomados por tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, sendo de prever que a tarde de domingo no Campo Pequeno seja brilhantissima.

Dr. J. Duarte da Silva
CLINICA CIRURGICA — DOENÇAS DAS SENHORAS. — Das 14 ás 16.
RUA AUGUSTA, 220, 1.º E.

TEATRO MARIA VITORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE Ás 20 3/4 e 22 3/4 HOJE
2 = ESPECTACULOS = 2
FADO CORRIDO
A revista consagrada pelo publico!
Duas horas de gargalhada!

EDEN TEATRO
= Empresa Teatral Campos & Correia, Limitada =
HOJE — A's 20,45 e 22,45 — 2 sessões, 2
Espectaculo permanente de
VARIEDADES
Preços populares com direito ás 2 sessões:
Geral, galeria e «promenoir», 1$00; geral numerada, 1$50; cadeiras, 3$00; «fauteuils», 5$00; «fauteuils» de orquestra, 7$00.
Todos os impostos a cargo do publico
Sexteto dirigido pelo maestro JOSÉ BONET

APOLO Telefone n.º 4129
Ás 9,15 em ponto — GRANDE SUCESSO
— da —
Companhia Maria Matos-Mendonça Carvalho
AS
Pupilas do sr. Reitor
Optimo conjunto Esmerada encenação
LINDOS SCENARIOS

Atophan "Schering"
Não existe remedio igual a este para combater a GOTTA, O RHEUMATISMO ARTICULAR, DOR SCIATICA, LUMBUGO, etc.
Em todas as boas Farmacias

«CONTINENTAL»
PARA ENTREGA IMEDIATA
Telefone N. 3158 Oliver, Lim. R. Prata, 250, 2.º

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

AVENIDA PARQUE
(Parque Mayer)
Teatros — Variedades — Concertos
TODAS AS NOITES

500 CONTOS EM PERIGO
é quanto valem, actualmente, os
20:000 DOLLARS
de que pretendiam apoderar-se os bandidos da famosa peça policial
TODAS AS NOITES
TEATRO NACIONAL

TEATRO AVENIDA
HOJE HOJE
A rainha das revistas
BICHINHA GATA
O «compère» pelo actor Gomes
Bailados por Nieves Mimosa

S. CARLOS Telef. C. 5063
HOJE
Recitas de despedida — A notavel peça inglesa
Casa em ordem
Magistral creação de LUCILIA SIMOES
EXITO FORMIDAVEL Soberbo conjuncto
Explendida encenação do prof. Ant. Pinheiro
O TEATRO MAIS BARATO, AREJADO E CONFORTAVEL DE LISBOA
«Fauteuils» 6$00. Frisas e camarotes 25$00 e 15$00

UM ESTUDO CURIOSO

A HISTORIA DO PALACIO

dos Morgados de Alagôa

onde Maria José Guerreiro

praticou os três crimes de infanticidio

O palacio da Rua da Escola Politecnica, n.os 177 a 193, foi mandado construir por José Francisco da Cruz, no ano de 1757, conhecido depois pelo «Palacio dos Morgados de Alagôa».

A familia dos Cruzes foi muito protegida pelo marquez de Pombal.

Do casamento de João Francisco da Cruz, com Joana Maria de Sousa, houve os seguintes filhos:

Antonio José da Cruz, que desde muito novo entrou na congregação do Cratorio, ás Necessidades. Devido ao seu nobre caracter e qualidades, foi um grande amigo de Pombal, alcançando para os seus irmãos os elevados cargos que desempenharam.

José Francisco da Cruz, seguiu a vida comercial e foi estabelecer-se na Bahia, regressando depois a Portugal. Prestando revelantes serviços na guerra de 1762, recebeu como premio, o fôro de fidalgo conselheiro da Casa Real, por alvará de 17 de Janeiro de 1763; por carta de 7 de Fevereiro do mesmo ano, foi-lhe doada de juro e herdade a capela instituida pelo conego Gonçalo Martins, que constava da quinta da Alagôa e casas a ela anexas. Teve Brazão de Armas, por carta de 25 de Março de 1765, um escudo cortado em faxa, tendo na primeira em campo azul, cinco estrelas em ouro de seis raios, postas em cruz; na segunda uma alagôa de azul e prata; vela vermelha com a seguinte legenda em ouro — «Nemeu honor que meis» —; por timbre, um cão de prata com coleira e uma chave de ouro na boca. Desde então principiou a assinar se José Francisco da Cruz Alagôa. Foi director da Real Fabrica das Sedas, da Fabrica de Lanificios da Covilhã e Pombal; vice-provedor da Junta da Companhia Geral de Pernambuco e Parahiba, etc., etc. Empregou a sua enorme actividade em colaborar na faina colossal da reedificação de Lisboa; organisou o plano para a fundação do Erario Regio, creado por carta de lei de 22 de Dezembro de 1761, onde foi tesoureiro-mór e conselheiro efectivo da Real Fazenda; presidente de todas as Alfandegas do Reino; deixou o seu nome vinculado a todas as emprezas uteis do seu tempo e despendeu largas somas para socorrer a pobreza. Faleceu na sua quinta em Carnide, a 16 de Maio de 1768. Casado com Maria Joaquina Pacheco, deixou três filhos: Joaquim Inacio da Cruz Alagôa, que foi ajudante de tesoureiro-mor do Erario Regio; Ana Ludovina e Antonia Joaquina Pacheco.

Joaquim Inacio da Cruz, nasceu a 27 de Setembro de 1725 e chamado por seu irmão José foi para o Brasil em 1737. Ahi casou com uma rica brasileira, Ana Joaquina Inacia da Cunha e em 1765 volta para Lisboa, com sua esposa e sogra Maria da Encarnação Correia. Em 1767 é nomeado Administrador da Alfandega, como substituto de seu irmão e logo depois provedor da Junta do Comercio e da Companhia do Grão-Pará; inspector das obras publicas e director das fabricas, sucedendo por morte de seu irmão a todos os logares. A 20 de Outubro de 1768, foi nomeado conselheiro da fazenda de capa e espada, a 21 teve a carta do conselho e por alvará de 5 de Janeiro de 1769, obteve o fôro grande.

Por concessão da Carta Regia de 18 de Abril de 1771, confirmada pela de 19 de Dezembro de 1776 instituiu um Morgado em Sobral de Monte Agraço; por carta de 22 de Fevereiro de 1773, foi nomeado Alcaide-mór de Freixo de Numão. Teve Brazão de Armas, eguais ás de seu irmão José Francisco, por alvará de 30 de Outubro de 1776 e foi nomeado senhor hereditario de Sobral de Monte Agraço e seus sucessores (representados hoje pelos descendentes dos Condes de Sobral). Sendo-lhe permitido usar o apelido da vila do seu senhorio, ficou chamando-se Joaquim Inacio da Cruz Sobral.

Devido á sua alta posição social e principalmente pela sua grande fortuna, mandou construir um soberbo palacio ao Calhariz, onde depois fixou a sua residencia. — Ficou conhecido pelo «Palacio Sobral» que destruido foi depois reedificado e hoje pertence á Caixa Geral dos Depositos.

Falecendo e não tendo descendentes a sua viuva passou a segundas nupcias com José Street de Arriaga e a terceiras com Rodrigo Victorino de Sousa e Brito, vindo a falecer a 8 de Novembro de 1803.

— Anselmo José da Cruz, que nasceu a 21 de Abril de 1728, foi tambem para o Brasil e depois para Genova praticar o comercio, onde casou com uma linda genoveza, Maria Madalena Crocco, a qual pela sua bela figura e trato soube grangear o respeito e a estima de toda a familia, conseguindo trazer ao lar de seus cunhados uma nota de elegancia e requintado gosto, até então desconhecido ali.

Anselmo José da Cruz, foi, como seus irmãos, um homem celebre. Figurando sempre á testa das grandes emprezas da epoca por falecimento de seu irmão Joaquim Inacio, teve uma renhida demanda, com seu sobrinho — Morgado de Alagôa—filho de José Francisco, a respeito do Morgado do Sobral, que parecia pertencer-lhe por ser filho do irmão mais velho, mas que afinal se veio a decidir a favor de Anselmo. Desde então, em 1781, passa a usar o apelido de Sobral, alcaide mor do Freixo de Numão, etc., e a gerir a sua fortuna e a fabulosa do vinculo.

Teve um filho e uma filha, o filho chamado Sebastião Antonio da Cruz Sobral, seguiu a carreira da magistratura, falecendo bastante novo e solteiro; foi toda a riqueza da casa para sua irmã Joana Maria da Cruz Sobral casada com Giraldo Wenceslau Braamcamp,

* * *

O palacio da rua da Escola Politecnica foi mandado construir pelo irmão mais velho, dos três que seguiram a vida do comercio, no ano de 1757.

O distinto academico e meu ilustre consocio da Associação dos Arqueologos Portugueses, sr. Gustavo de Matos Sequeira, infatigavel investigador, na sua monumental obra —«Lisboa depois do Terramoto»— que eu tantas vezes consulto para os meus estudos, fez sugerir-me a ideia deste artigo, devido aos preciosos elementos que contém, produto de um arduo trabalho, que só aqueles que passam dias, mêses, anos, revolvendo a papelada velha o podem apreciar devidamente; depois, quem o lê, julga empresa facil. O trabalho do sr. Matos Sequeira, é uma obra valiosissima, e sem ela não poderia elucidar o publico, com esta crua historia, algumas passagens notaveis pelo grande casarão da rua da Escola Politecnica, sempre habitado por familias ilustres e de grande nobreza.

O palacio foi construido num terreno subrogado, por padrões de juro real, com D. Rodrigo de Noronha.

Compunha-se de rez-do-chão, andar nobre, e segundo andar, tendo dezoito janelas para a frente e onze para a rua das Fabricas das Sedas, terminando para o largo do Rato, na Ermida.

No ano de 1762 ja estava construido e nas onze lojas que então tinha, estavam alojados dois louceiros, dois capelistas, dois mercadores de retroz e um cabeleireiro. No andar nobre morava José Francisco da Cruz e com ele o seu guarda-livros Estevam Lafontana, sete caixeiros e onze criados. Depois do seu falecimento, a viuva continuou a viver no palacio com seus filhos, até que em 1803 alugou a sua parte á familia Moraes Palmeiro, mais tarde ligada á casa do barão da Regaleira.—Joaquim Inacio da Cruz Alagôa—«morgado de Alagôa»—que foi ajudante do tesoureiro mór, do erario regio, em 1826, ainda residia na rua das Fabricas das Sedas, n.º 8.—Joaquim Inacio da Cruz Sobral—que foi depois—«morgado de Sobral»—pouco tempo residiu no «palacio dos Alagôas—; depois do seu regresso do Brasil, mandou construir o seu palacio ao Calhariz—, magnifica residencia completamente independente e com frentes para a rua da Rosa, rua do Carvalho e travessa das Mercês.

Aqui realisou Joaquim Inacio magnificas festas, onde se reuniam as mais distintas familias da epoca e nas belas serenatas do seculo XVIII, salientavam-se as grandes celebridades e artistas mais afamados.

Em 1773 morava no «palacio dos Alagôas» com grande numero de criados, em 1778 já não residia e em 1803 aluga a sua parte.

Anselmo da Cruz Sobral, habitava em 1762 parte do andar nobre, com sua linda esposa, a genoveza Crocco, com grande numero de criados, um cozinheiro italiano e a «colonia italiana», que o sr. Matos Sequeira encontra no «Bois» da epoca, certamente que eram criados os seguintes: Pietro Badano, Ana Coulner, Antonio Gandi, Bernardo Maria Liberati e João Antonio Gorri.

Anselmo da Cruz Sobral, sua esposa e filhos, deram grande vida e opulencia ao palacio do «morgado de Alagôa», desde o seu regresso de Genova. As suas salas foram primorosamente decoradas e esplendorosas festas então se realisaram, onde se reunia tudo que de mais ilustre vivia na capital.

Depois do falecimento de seu irmão Joaquim, herdando-lhe a casa e titulo, tais festas realisou que Jacome Ratton, nas suas «Recordações», diz: «mais pareciam de um principe, que de um particular».

Fixando residencia no seu palacio ao Calhariz—dos Sobrais—realisou imponentes festas e a principal foi quando a cidade de Lisboa celebrou o nascimento da princesa D. Maria Tereza, na madrugada do felicissimo dia 29 de abril de 1793. Num proximo artigo falarei desta festa.

O «Palacio dos Cruzes Alagoas» foi até á sua venda habitado pelos seus proprietarios, que alugavam parte dele, e assim encontramos os seguintes inquilinos:

—1781 a 1788.—Os condes de Vale de Reis, Lourenço Filipe de Mendóça e Moura, capitão de cavalaria da provincia do Alemtejo, e seu filho Nuno José Fulgencio Agostinho João Nepomuceno de Mendóça e Moura, casado com D. Ana José Monica de Menezes e Noronha, filha dos 4.os marqueses de Marialva e 1.os condes de Cantanhede. Seus filhos, entre eles José Maria de Mendóça, que foi o 7.º conde, e Agostinho José de Mendóça Rolin de Moura Barreto, 8.º conde e 1.º marquês de Loulé; 23.º senhor de Azambuja e da povoa de Meadas; 13.º senhor do morgado da Quasteira; gentilhomem da camara de D. João VI, seu estribeiro-mór, etc. Para este palacio veiu com um ano e foi morrer assassinado a 28 de fevereiro de 1824, no palacio que o infante D. Luiz, filho de el-rei D. Manuel I, mandou construir em Salvaterra de Magos, assassinio que ficou sempre envolvido num misterio por nele estar implicado o infante D. Miguel.

Os condes de Vale de Reis, que residiram neste palacio sete anos, chegaram a ter noventa e dois familiares e criados e dois capelães.

—1781.—O conde de Azambuja, D. Antonio Rolin de Moura, fidalgo da casa real, onde faleceu em 1782, a 8 de dezembro, depois de revelantes serviços prestados no ultramar.

—1781.—Gonçalo Xavier de Alcaçova, da Academia Real de Historia e socio da Academia Real das Sciencias; morreu em 1785.

—1786.—O principal Mendonça, reitor da Universidade.

— 1794 a 1806. — Joaquim Guilherme da Costa Posser, oficial da secrataria da Marinha e do Reino, fidalgo da Casa Real, Cavaleiro do Habito de Cristo.

— 1801 a 1810. — D. Helena Victorino de Morais Sarmento.

— 1806 a 1811 e depois em 1833. — D. Maria da Piedade de Lacerda.

— 1812 e 1813. — O principal Noronha, da familia do Conde dos Arcos, da rapartição dos juros e teuças e dos Bispados de Elvas, Algarve e do Arcebispado de Evora e Setubal, etc.

— 1814. — O Tenente General Matias José Dias Azedo, lente da Academia Real de Fortificação, comandante geral do Corpo de Engenheiros, etc.

— 1824 a 1834. — O Conde da Louzã, D. Diogo de Menezes d'Eça, 3.º Conde, casado com a 3.ª Condessa do mesmo nome, D. Mariana do Resgate de Saldanha Corte Real da Camara e Lencastre, durante o tempo que aqui residiu, a entrada pelo arco ficou conhecida por Arco do Conde.

— 1828 a 1829. — A Marquesa de Alorna e suas filhas as Condessas Oeynhausen, D. Frederica e D. Henriqueta, e a irmã de Bocage, D. Maria Francisca.

A Marquesa de Alorna, D. Leonor de Almeida Portugal Lorna e Lencastre, Condessa de Oeynhausen, pelo seu casamento com o Conde Pedro Maria José Carlos Augusto de Oeynhansen Gravembourg, que viera a Portugal com seu primo, o Conde Scheumbourg Lippe; 4.ª Marquesa de Alorna e 7.ª Condessa de Assumar, foi uma notavel poetisa, que os poetas do seu tempo denominaram «Alcipe»; Dama de honor da Princesa D. Carlota Joaquina e da Rainha D. Maria II.

— 1831. — O Marechal Augusto Pinto de Morais Sarmento.

— 1834. — O General Agostinho José Freire, par do Reino, Conselheiro do Estado efectivo, Ministro em diferentes epocas, Director do Real Colegio Militar, etc., faleceu victima da revolução que se denominou — Belemzada. — Residiu neste palacio quando foi Ministro da Guerra.

— 1835. — A Marquesa de Louriçal, D. Joaquina de Menezes, viuva do 4.º Marquês e 8.º Conde da Ericeira.

Por morte de João Francisco da Cruz Alagôa, e por deliberação do conselho de familia, poz-se em praça o palacio, com as suas cocheiras, cavalariças, palheiro, uns barracões da quinta do palacio onde esteve de 1811 a 1816 o «Quartel dos Artifices» e uns terrenos do palacio onde esteve instalada a celebre «Floresta Egipcia», popular divertimento de ha setenta e quatro anos.

Foi tudo comprado por Domingos Pinto Barreiros, segundo me informou a ex.ma sr.ª D. Maria Lacerda Pinto Barreiros. O palacio sofreu então grandes modificações e foi dividido em três moradias independentes.

Para a Rua da Escola Politecnica, com os n.os 177 a 195, propriedade — que ainda conserva o genuino estilo português em que foi construida em 1757 — pertencia ao dr. José Vaz Monteiro, que em 1868 já o habitava. Depois do seu falecimento aí residiu a viuva D. Amelia Vaz Monteiro e por sua morte ficou deshabitado, como se conserva ainda hoje. Desde então a ermida do palacio que sempre teve culto, encerrou as suas portas. No segundo andar mora o sr. general Garcia Guerreiro. No rez do chão, dum lado o artista sr. Ferreira da Silva; do outro um atelier de modista de D. Lucinda da Silva.

Esta propriedade foi ultimamente adquirida pelo sr. Antonio Judice de Magalhães Barros.

Pertencia ainda ao «Palacio dos Morgados de Alagôa», a parte que tem os numeros 161 a 175 da Rua da Escola Politecnica e faz esquina para a Rua das Fabricas das Sedas. Pertencia tambem a Domingos Pinto Barreiros e hoje á ex.ma sr.ª D. Maria Champalimaud. No 1.º andar reside o sr. coronel Vasconcelos Porto, no 2.º o sr. Azevedo e Silva, procurador geral da Republica. No rez-do-chão, D. Maria do Rosario, proprietaria da taberna conhecida pelo «Grilo» e a mercearia de José Fernandes de Carvalho & C.ª, aí estabelecida desde 3 de Janeiro de 1893.

Finalmente o predio da Rua das Fabricas das Sedas, n.os 21 a 27, é o terminus do antigo palacio dos «Morgados de Alagôa». Este predio que pertencia a Domingos Pinto Barreiros é hoje propriedade do sr. José Pinto Barreiros.

Aqui residiu a sr.ª D. Luisa Pinto Barreiros, em todo o predio, e actualmente, no rez-do-chão o sr. Joaquim Eduardo Leote; no 1.º andar o sr. Cabral Metelo; 2.º, José Pinto Barreiros; 3.º, dr. Jacinto de Magalhães e nas casas trazeiras, a porteira Maria Pinto.

* * *

Para finalizar esta breve historia e que reservei para fecho, foi no Palacio dos Morgados de Alagôa, que no ano de 1788 se albergou a «Roda dos Engeitados», onde se conservou até 1804.

Aí se albergaram centenares de crianças desprotegidas e abandonadas, e passados uma centena de anos, três criancinhas, três engeitados, três desprotegidos dos seios duma mãe, encontraram impiedosamente a morte.

Pobres inocentes!... Pobre da mãe!...

Triste destino!... Triste o fim!...

Antonio Caldeira Pires.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Do amôr

O visconde de Santo Thyrso, num livro publicado depois da sua morte diz, entre outros espirituosos paradoxos, «que a maior parte das mulheres tem amado repetidas vezes pela primeira vez e que, em compensação, nunca nenhum homem amou pela primeira vez, o que seria humilhante, mas todos amam, repetidamente, pela ultima vez».

Ora isto, sem censura para ninguem, parece muito verdadeiro, embora não seja precisamente exacto, porque no contrario é que haveria muitas vezes sinceridade.

Estas complicações vêm, segundo creio, de que, neste mundo, predomina aquele sentimento que Antonio Nobre observou num dos seu sonetos:

«Vaidade, meu Amor, tudo vaidade...»

A mulher quando gosta realmente dum homem, mesmo que não esteja convencida de sentir por ele o seu primeiro amor (e quasi sempre está) julga que é necessario convence-lo, a ele, por que só assim lhe dará aquela satisfação de vaidade sem a qual não o tornará feliz. Daí a afirmação que a mulher faz de boa fé ou com boas intenções. Havendo má fé ou más intenções, afirma-lhe o contrario, mesmo que seja falso, para poder atormentá-lo sempre que queira.

A vaidade dá mulher e diversa. A mulher não ambiciona ser o primeiro amor dum homem, mas sim vencer, expulsar da recordação desse homem todos os amores que tenham passado na sua vida e conseguir que, depois, nada mais predomine, sendo não só o amor unico, mas a unica preocupação. Muitas mulheres se consideram profundamente infelizes por que o homem de quem gostam, embora não pense noutras mulheres, pensa em negocios, em politica, em arte, em trabalho. Só lhe perdoam essas preocupações quando sejam inspiradoras ou motivo delas.

Alguma razão ha para que o amôr seja um Deus criança, por que das crianças tem as ilusões e a imprevidencia.

Acho pois muito bem que a mulher ame sempre pela primeira vez e o homem sempre pela ultima.

Maria de Carvalho

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

A estação do Rocio

O engenheiro sr. Jaime Galo que ontem fez algumas declarações ao «Diario de Lisboa», não é chefe da Via e

HISTORIA AUTENTICA

O cão

que acompanhou os restos mortais de Sidonio Pais é perseguido pela policia

Deixem-se lá de pessimismos, que ainda ha boas almas em Portugal. E' certo que esta, que hoje dá motivo a cronica, veiu de Hespanha... mas, desde que cá está, podemos tê-la como indigena, que mais não seja para nos vingarmos daqueles de *nuestros hermanos* que chamam seu a tudo quanto de bom as contingencias do cambio põe á disposição da pesceta valorisada.

—A sr.ª Elvira Ramos...—«á la salud!»—Mora na escada de um predio da rua Antonio Maria Cardoso, num cubiculo que logo denuncia o asseio escrupuloso da inquilina—aquilo está como um brinquinho no tocante á limpeza—e, vista de alto a baixo, tem as seguintes caracteristicas externas: cabelo na ultima fase da brancura, armado em carrapito no cocuruto da cabeça; bata aos quadradinhos, amarrada pela cintura com um avental azul sarapintado de flores pequeninas e rodapeado por uma faixa em tom de azulejo; sandalias nos pés sem meias; um rosto prazenteiro, de pessoa que está de bem com a consciencia; os dentes em ablativo de decadencia, de criatura que não se preocupa com os eclamos dos odontologistas.

Fica feita a apresentação.

O jornalista foi encontra-la hoje, de tarde, lavando roupa num alguidar, ao fundo da escada; e, declinada a identidade, atirou-lhe esta pregunta, que, por inesperada, deixou a sr.ª Elvira Ramos num sobressalto:

— A sr.ª vae contar-me, se lhe apraz, a historia do cão!

Houve uns momentos de hesitação; destes que desmancham uma entrevista e comprometem os creditos dum «reporter». A sr.ª Elvira Ramos — modelo de bondade e modelo de trabalho — tinha julgado que eramos da policia. E quando uma mulher que tem um cão, se convence de que é policia á paisana um qualquer que a procura, nem por um decreto se lhe arranca um gesto de acolhimento.

Mas, desfez-se o equivoco; tranquilizou-se-lhe o espirito; e ela, já então alegre, a rir muito, a rir de vontade, largou o alguidar da roupa, largou tudo, e, de mistura com muitos gestos, daqueles que denunciam uma sinceridade, começou assim:

— Serio?! E' para o jornal?! Então é a historia da multa?! Pois vou contar-lhe a historia da multa; que o «Tejo» tem historia...

* * *

Os leitores ainda não perceberam patavina? Mas vão perceber, que a sr.ª Elvira explica em poucas palavras. O «Tejo», é aquele cão que, quando da morte do dr. Sidonio Pais, acompanhou a urna funeraria durante [...] o julgando digno, os politicos, de umas sopas que custariam ao Estado a bagatela de 16 vintens em cada dia.

* * *

Bem. A sr.ª Elvira, como o animal lhe fôsse, lá á porta, pedir um «petisquinho», recolheu-o, apesar de pobre; agasalhou-o na medida das posses. E desde então, não lhe faltou nada.

—Não cômo uma triste coisa que não dê dela ao bichinho. Estou a fazer uma obra de caridade. E olhe que o cão não me pertence... que eu sou viuva—foi acrescentando ela a titulo de elucidação, aliás desnecessaria.—O sr. Pimentel é que um dia me disse: «Tome-o, tome-o; é como se fôsse seu filho! Olhe! o Saturnino que diga, o Saturnino que diga como eu trato o bichinho...

O Saturnino, que é calista e usa jaleca côr de abobora, confirmou; o cão, que já estava presente secundou o Saturnino num olhar de terna aquiescencia, e a sr.ª Elvira proseguiu, a contar a historia da multa:

—Ahora! Ahora! lo verá usted! Um dia, telefonaram á policia a dizer que o Tejo estava na Cruz Quebrada. Foi um alarme no governo civil.

—Julgavam que ia haver inundação?

—Lo verá! Lo verá! Os policias agarraram o Tejo, trouxeram-no de «moto» para Lisboa, e, dali a bocadinho, vim dar com ele todo encharcado, aqui numa cadeira de verga. Apareceu um policia á paisana. Que tinha de pagar seis mil reis de multa. Agrrei-me ao sr. Moreira de Almeida, que é aqui visinho, e pedi-lhe que me valesse. Fez o que poude, mas nada se conseguiu. Já se vê,— disse-me ele — eu não tenho relações com esta gente da Republica... Isso o que era preciso era arranjar um republicano. Em todo o caso, conte com 25 tostões... E vai eu, lembrei-me e disse-lhe assim:

— Mas oh sr. Moreira! Eu tenho um deputado da nação em cima!

—Oh mulher! então está servida!

—O sr. Alfredo de Sousa lá falou ao sr. juiz e ao sr. delegado; e, quando foi o julgamento, eu, como lá estava o policia da multa, disse assim, no tribunal, batendo com a mão no ombro do guarda:

—Oh, sr. juiz: o meu crime é ter dado umas sopas ao animalsinho, tal qual como faria aqui ao sr. policia se ele tambem me aparecesse um dia, lá á porta, a pedir uma «bucha». Ninguem está livre de cair em desgraça... «verdad?»

A sr.ª Elvira foi absolvida. Mas ficou com um medo medonho de que as multas continuem, porque os zeladores das posturas municipais não veem mais nada em Lisboa, que lhes pareça transgressão punivel, senão o pobre «Tejo», que cometeu o delito de acom-

Pelos teatros

Berta de Bivar

Sobe amanhã á scena, no Politeama, uma das melhores peças do repertorio da companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, «A Ventoinha», pela qual, a avaliar pela procura de bilhetes, o publico está esperando anciosamente. Berta de Bivar desempenha nesta bela comedia o principal papel, sendo o seu trabalho, inteligente e interessante, digno do maior registo. Os outros papeis foram confiados a Joaquim Prata, Carlos Abreu, Antonio Silva, Josefina Silva, Maria Pinto, etc.

Atrás do reposteiro

A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, a despeito do enorme sucesso que está obtendo, no Apolo, a peça *As Pupilas do sr. Reitor*, ensaia ativamente a peça—*A lei dos Morgados*—remontando ainda *Os Fidalgos da Casa Mourisca* e outras peças do seu antigo repertorio.

— A Companhia Lucilia Simões-Erico Braga, depois do seu regresso de Setubal, partirá para as Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Espinho, Granja e Vizeu, trabalhando no Teatro Viriato, alugado para o efeito pelo cavaleiro José Casimiro.

— Na Covilhã está-se construindo ativamente um teatro, que segundo as nossas informações, ficará muito elegante e com uma grande lotação.

— Na peça *A tipoia do Catita*, imitação de André Brun, em ensaios no Nacional, estreia-se a graciosa atriz Maria Odete que no genero revista, havia ocupado um lugar interessante.

—Faz actualmente parte da Companhia do Maria Vitoria o actor Armando Ferreira. Nêste teatro está-se ensaiando a revista *Tic-Tac*, que se representou no Fez e no Eden-Teatro.

—A Companhia Adelina Abranches-Alexandre de Azevedo-Sacramento realisa espectaculos em Povoa do Varzim nos dias 17, 18, 19, 20, 21 e 22 do corrente, fazendo os dias 23, 24 e 25 em Matosinhos.

— Entrou em ensaios no S. Luiz a magica-opereta *O Gato Preto* que, ha anos, no velho Trindade, fez as delicias do publico de Lisboa.

— Foi posto á venda o numero 11 da explendida revista «de Teatro», que corresponde á maneira acertada como teem sido compostos os seus antecedentes. Este numero contem a peça em 3 actos de Ricardo Durão, «A Luva de Ricardina», um dos ultimos sucessos do Politeama, e colaboração esmerada de Simões Coelho, Matei Roussou, Eduino de Mora, Carlos Abreu, Pedro Bandeira, Guedes Vaz, Mario Duarte, Garcia Perez, Gastão Bettencourt, etc. Alem de muitas gravuras, publica tambem o programa do n.º 12 a sair no fim do mez corrente e que será um numero extraordinario comemorando o 1.º aniversario.

— Já hoje saiu á rua o actor Alves da Cunha, tendo estado no Politeama, onde foi muito felicitado. Parece que a sua reaparição se efectuará na proxima quarta-feira.

— Estreiam-se ámanhã, no Eden, o baritono português Antonio Caldeira e a bailarina classica «Dani Garcia», primeiro premio de costumes do Teatro Royal de La Monnaie de Bruxelas.

— O actor Armando Ferreira está desempenhando na revista «Fado Corrido», em scena no Maria Vitoria, alguns papeis que o publico todas as revistas premeia com aplausos.

CARTAZ

S. Carlos — Ás 21,30—«A casa em ordem».
Nacional — A's 21—«Os 20.000 dollars».
S. Luis—A's 21,45—«Fado corrido».
Politeama—A's 21—«Aventuras de Rafael».
Avenida—A's 21-15—«Bichinha gata».
Apolo — A's 21,15—«As Pupilas do sr. Reitor».
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Fado corrido».
Eden — A's 21 e 22,45—Variedades.
Eldorado — A's 21— Variedades.
Circo da Feira — A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios — Não ha espectaculo.
Gil Vicente—A's 21—«D. Cesar de Bazan».

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

COISAS DE INTERESSE PUBLICO

A C. P.

e o trafego de mercadorias
Um pedido
cheio de justiça

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, mais conhecida entre nós pela abreviatura «C. P.», tem manifestado, nos ultimos tempos, bons desejos de pensar como é mister nas comodidades e vantagens a que teem direito os que contribuem para a sua prosperidade. Faz bem.

E' indispensavel que aos aumentos de tarifas correspondam, como compensação, beneficios palpaveis que até certo ponto indemnizem o publico dos agravos feitos á sua algibeira.

Mas não tem ido, por ora, muito longe no caminho dos melhoramentos a Companhia Portuguesa. Dentro dos seus serviços ha modificações a realisar que não pódem ficar eternamente em projectos de hipotetica efectivação.

Lisboa, na sua qualidade de cidade capital, merece que as grandes companhias se interessem pelas aspirações justas dos seus habitantes.

Uma dessas aspirações, traçada em muitas cartas que o «Diario de Lisboa» tem recebido dos seus leitores, vai ser o assunto deste artigo ligeiro. Para ele pedimos a atenção de quem superintende na engrenagem da C. P.

* * *

O caso é este: O transporte de mercadorias vindas do norte faz-se para as estações do Rocio ou de Santa Apolonia. Ora Lisboa, principalmente nos ultimos quinze anos, tem-se desenvolvido extraordinariamente para as bandas das Avenidas Novas. A cidade estende-se já hoje até ao Lumiar e a Bemifca. Fez-se muito maior, fez-se muito mais importante. E os serviços ferroviarios não estão de harmonia com esse enorme desenvolvimento.

No caso que citamos, todos os destinatarios de mercadorias sofrem prejuizos avultados que acima indicámos. Os fretes estão carissimos. O aluguel duma carroça custa quasi uma fortuna. Um moço de fretes nivelou-se com o cambio da libra — e não trabalha por menos. De modo que, sucede muitas vezes a quem recebe qualquer remessa, pagar mais pelo seu transporte do Rocio ou de Santa Apolonia até ao seu domicilio, do que o valor da mercadoria.

Este mal tinha remedio rapido e radical se a C. P. resolvesse debelá-lo. Porque não determina ela que no cais do Rego, por exemplo, ou em Entre-Campos, se o preferir, seja montado um serviço de desembarque de mercadorias destinadas áquela area da cidade?

Com essa medida beneficiaria alguns milhares de pessoas, aumentando ao mesmo tempo as suas receitas. Toda a gente pagaria de boa vontade uma pequena sobretaxa, desde que a C. P. lhe desembarcasse as suas remessas mais proximo das suas moradas.

No Banco de Portugal

A posse do sr. Ramiro Leão

Hoje, ás 3 horas da tarde, tomou posse do cargo de director do Banco de Portugal o sr. Ramiro Leão, estimado e conceituado comerciante da nossa praça.

Ao acto, presidido pelo sr. dr. Vicente Monteiro, assistiram, além do governador e dos directores do Banco de Portugal, os srs. Tomé de Barros Queiroz, Alvaro de Sousa, Antonio Vieira Pinto, Jacinto Marques, dr. Trindade Coelho, José Antunes dos Santos, Aarão Bensliman, dr. Alvaro de Vasconcelos, dr. Moreira Junior, Humberto Lallemant, dr. Carlos Barbosa, etc.

Em nome da direcção do Banco de Portugal falou o sr. dr. Mota Gomes, falaram tambem, em nome do governo, o sr. Inocencio Camacho, governador do Banco, associando-se ás saudações que foram dirigidas ao novo director o sr. Tomé de Barros Queiroz e o sr. Antonio Vieira Pinto, em seu nome pessoal e no do sr. Candido Sotto Mayor.

A POLITICA PRESIDENCIAL

O NOVO CHEFE DO ESTADO

terá de ser sustentado contra quem o elegeu?
Bernardino Machado
prevê essa hipotese

Ainda não se apagaram os ecos do ruido provocado pelas declarações feitas ao *Diario de Lisboa* pelo sr. dr. Bernardino Machado, no dia seguinte á eleição presidencial. *A Patria* publica sobre o assunto uma carta do sr. dr. Germano Martins, sentinela vigilante do nome e do prestigio do sr. dr. Afonso Costa.

Quando entrámos no seu palacete da Cruz Quebrada, o antigo chefe do Estado ainda não vira *A Patria*. Era até possivel que não chegasse a ler a carta do dr. Germano Martins, se para ela lhe não chamassemos a atenção.

Desta vez, o sr. dr. Bernardino Machado recebe-nos no seu escritorio. Sobre a mesa duas coisas curiosas: o livro *Gente singular*, de Teixeira Gomes, e o recorte dum jornal, noticiando, elogiosamente, a adesão do antigo presidente á Republica. Tem, marcada a tinta, a data de 1903. Na parede, uma caricatura de Amarelhe, onde o sr. dr. Bernardino Machado, seu eterno sorriso nos labios, discursa a uma multidão de crianças, todas de chapeu alto.

A entrevista começa:

—Eu ignorava que a escolha do presidente eleito não tinha partido dos parlamentares, mas de funcionarios aliás tão cotados como o sr. dr. Germano Martins. Senão, não diria nada, respeitando o voto dos directores gerais para o seu colega-director geral dos Negocios Estrangeiros em Londres. O dr. Germano Martins, apesar de funcionario superior da Justiça é, por vezes, injusto...

E Bernardino Machado tem um sorriso ironico, ao dizer:

—Eu aprecio muito o seu voto. Mas não me magôa nada que m'o não dê... Sei perfeitamente que não posso contar com a sua solidariedade, como conta o sr. dr. Afonso Costa... E resigno-me. Que hei-de fazer?...

E aparenta, realmente, resignação:

—De resto, já me tem dado e deixado de dar o seu voto tantas vezes... Estou mesmo habituado a essa instabilidade que atribuo a essa constancia de afectos pessoais que não deixa, comtudo, de ser perigosa, porque, no dia em que o sr. Afonso Costa não tivesse mais ninguem comsigo, achar-se-ia absolutamente só—tal é o incondicional comprazimento que o sr. Germano Martins lhe dá em tudo...

Referindo-se, propriamente á carta:

—E, como todos sabem isso, a carta do sr. dr. Germano Martins, contando-nos como ele apadrinhou o candidato eleito é uma autentica certidão de baptismo religioso (desculpe-me a expressão o oficial superior do Registo Civil), de que o recemnascido veiu, como é costume, de Paris...

E, numa pergunta natural:

—De resto, que outra pessoa igualmente poderosa seria capaz de opor a candidatura imprevista do sr. Teixeira Gomes em 1919, ao sr. Antonio José de Almeida, e agora,—depois de 4 anos de enfraquecimento politico, com o P. R. P. sem o seu brilhante «leader» e com os outros em dificilimos trabalhos de reorganização—de renovar a tentativa, contra os candidatos vencidos, em cujo numero tenho a honra de me incluir?...

Um comentario ás suas proprias palavras:

— Sim, porque eu alguma vez havia de ser vencido. Depois de vencido pelo Sidonio, tinha de sê-lo pelos republicanos...

E, prosseguindo, sempre com o mesmo sorriso ironico:

— O sr. Germano Martins imagina-me ferido. Não. O que me fere profundamente, é que o sr. dr. Afonso Costa, depois de ser o inolvidavel caudilho da Republica, não tivesse tido a legitima ambição de retomar o seu posto imediatamente a Monsanto, para — em vez de voltar as costas aos seus correligionarios, e pretender demonstrar quanto pode, mesmo sem eles — colocando-se ao seu lado, á sua frente mesmo, como nos seus dias gloriosos, continuar de novo a obra de união republicana que nos levou á vitoria, sendo ele, de direito, neste momento, o novo candidato á presidencia, a quem eu daria o meu voto. E, precisamente, porque me não deu o dêle...

E Bernardino Machado prevê o que se seguiria:

— Suceder-se-hiam, naturalmente e honrosamente para todos, na suprema magistratura da Nação os homens publicos que estiveram á frente da politica que lhe deu todas as vitorias dentro e fora do país. Não o quiz. Como afirma o sr. dr. Germano Martins, ele proprio, logo depois de Monsanto, a repudiou, enviando um telegrama de saudação ao sr. Canto e Castro que, com todas as suas respeitaveis qualidades pessoais, não deixou de ser a segunda incarnação do dezembrismo, embora benigna...

* * *

Aqui uma referencia aos que o acusam de vaidade:

— Sou tão vaidoso que nem sequer tenho o meu retrato em Belem...

E, voltando ao assunto:

— Por mim, saboreio mesmo, até certo ponto o resultado da eleição, pelo conceito apreciavel que teve. Foi a chamada «direita» — donde saíram, por vezes, em tempos, arguições da minha parcialidade presidencial a favor dos democráticos que me dispensou, com o seu voto, a honrosa prova da sua confiança. E fôram os proprios parlamentares democraticos que se encarregaram de confirmar eloquentemente quanto essas arguições eram infundadas, votando contra mim. Ha-de concordar-se que é um fecho interessante para uma carreira política...

* * *

Aqui cabe um enxerto que se faz naturalmente na conversa:

— A sua opinião sobre a situação política, o governo, o P. R. P...

— Mas veiu procurar-me para lhe passar uma certidão de obito?...

Uma curiosa caricatura do chefe do governo:

— O Antonio Maria devorou o P. R. P. E, agora, como já não tem democraticos, está devorando os independentes. Dos primitivos ministros parece-me que só lá está um — o Gaspar... Tem sido um verdadeiro «roulement» á roda do Antonio Maria que fica sempre, indiferente á acção do tempo e da política...

* * *

E depois duma referencia á *Duqueza da Baeta* e a alguns livros do sr. Teixeira Gomes:

—Está ainda enganado o sr. Germano Martins, atribuindo-me ameaças ostentatorias que não são do meu estilo que ele conhece—como declarou—tão *cordial*... Não. Não é assim que eu combato. De ter eu dito que um ministro não politico, e simplesmente funcionario, é sempre *interino*, e que maior, portanto, será a instabilidade de um presidente da Republica tambem só funcionario e não politico, não se segue que se mude de Chefe do Estado como se muda de ministro... Não está isso na Constituição, embora ela contenha todos os preceitos de defeza contra os abusos do poder.

A terminar, esta declaração deveras interessante:

—O que se deve depreender das minhas palavras é que precisamos de conjurar essa instabilidade, fazendo, como já promete, para depois da sua presidencia, o actual chefe do Estado—felizmente completamente restabelecido—uma campanha altamente nacional.

—Em que sentido?

Sem responder á pergunta:

—Fazendo-a, poderemos mesmo, pelo contrario, sustentar o novo presidente, contra a propria facção politica que o elegeu.

AS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

A peça

"Pupilas do senhor reitor„
no teatro
da rua da Palma

As *Pupilas do sr. Reitor*, de Julio Diniz, aranjo de Ernesto Biester, desenterrado dos arquivos teatrais de ha cincoenta anos, teve ante-ontem honras de *première*, no Apolo. Teatro romantico que apezar de velho faz sucesso, e tem publico, o que prova que Portugal ainda sabe chorar, escrever e compreender um romance de amor, ingenuo, campestre, entre uma ermida minhota e um senhor reitor piedoso compassivo e bom, alma rustica, forte como o tronco das amendoeiras, a florir, tocantemente em graça e sinceridade.

A peça foi posta em scena com muito amor e muita ternura, com tanto amor e tanta ternura, que por vezes tem um fio de ingenuidade... Certa junta de bois, sua carrada de milho seco, que passa, entre dois panos pintados, ao fundo, é tão tamanina, tão hirta, que lembra um brinquedo de criança.

As *Pupilas do sr. Reitor*, que conservam absolutamente os tipos de Julio Diniz, tudo almas boas que nascem como o sol, cada manhã, sobre a aleluia do campo, abeberado de aguas, e como ele morrem docemente, com a sua cabecita vermelha de febre, no peito do crepusculo—é uma sucessão colorida de quadros, em que as figuras dialogam, e saem accionadas pelo enredo do romance, e não pela acção da peça.

Maria Matos, que enscenou cuidadosamente as *Pupilas do sr. Reitor*, merece pelo seu luzitanissimo temperamento, pelo amor que manifestou á obra de Julio Diniz, trinta linhas de elogios cerrados. Criou mais uma admiravel caracteristica, cheia de pormenorização, tipo fiel de aldeia, velho Borda de Agua, com conselhos para a gente moça, e lembranças do seu tempo.

Georgina Cordeiro, tocou de ternura, de ingenuidade, de romanticismo a sua *pupila*. Não admira, pois, que os seus apaixonados, na peça, fossem aos pares... A sua garganta doente, emitindo a voz muito alta, é que nem sempre acompanhou o seu admiravel e completo trabalho.

Santos Oliveira foi um caracteristico, um tipico, um sadio e honesto José das Dornas. O seu trabalho teve detalhes admiraveis. Duarte Silva, no João Semana, foi a figura criada por Julio Diniz. A sua caracterização é um retrato fiel.

O Reitor, de Antonio Gomes, ainda que bem estudado, carece, nalgumas scenas, de flexibilidade, de doçura, de bonhomia. Irene Gomes—a outra *pupila*—teve romanticismo sofrimento, sacrificio, ternura humilde e amor revoltado. Um belo trabalho. Os dois galãs não viveram como deviam, os seus tipos.

A *mis-en-scène* cuidada, regional. Os scenarios, traiem reminiscencias das aguarelas de Roque Gameiro, que ilustram a edição monumental das *Pupilas do sr. Reitor*.

A. P.

TAUROMAQUIA

Caldas da Rainha

Na proxima quarta-feira, 15 do corrente, por ocasião da grande feira anual, realisa-se a inauguração da epoca nesta encantadora terma, com uma grandiosa corrida, em que serão lidados 8 bravissimos touros, pertencentes á magnifica ganadaria do sr. Antonio Teixeira, de Coruche, de ha muito apartados para essa sensacional corrida.

No cartel, que foi organisado com verdadeiro criterio artistico, figuram os nossos melhores elementos, tanto cavaleiros, como bandarilheiros.

O grupo de forcados será formado por pessoal das Caldas da Rainha, capitaneados pelo popular Cesar.

Amanhã nos referiremos mais detalhadamente a esta sensacional corrida, que estamos certos terá uma enorme concorrencia.

ARMAZEM PRECISA-SE, Bairro Alto ou proximidades. Resposta: Largo do Conde Barão, 49.

MOVEIS ESTOFADOS

— E —

DECORAÇOES ARTISTICAS

A casa que primeiro desenvolveu o gosto pelos moveis genero inglez e americano, que primeiro começou a construil-os e onde hoje se adquirem os melhores, mais confortaveis e elegantes sofás, fauteuils e chaise-longues de varios modelos, é na

Fabrica de moveis inglezes e americanos

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

(Fornecedor da Legação de Inglaterra)

29-33, RUA DO SACRAMENTO A LAPA, 29-33—TELEFONE C. 1884

(DEPOSITO DO PIPERINOL)

PÓ RODRIGUES

O melhor para destruir toda a qualidade de insectos, como: formigas, pulgas, traças, baratas, etc.

A venda em todas as drogarias, lojas de ferragens e mercearias

Depositarios: SALVADOR BARATA, L.da

RUA DAS GAIVOTAS, 19-A

NÃO HA MAIS PANNES!!!

OS PNEUS "WIG"

Ocos sem camaras d'ar, completamente de borracha. Nenhuma interrupção nas corridas por pannes. Nenhuns concertos nos pneus. Dispensam levar pneus de reserva. A mais perfeita solução do problema de reunir a mais absoluta segurança com a maxima elasticidade, solidez e duração. São os pneus indispensaveis para automoveis, motos e bicicletas em que a segurança de marcha é uma questão fundamental.

Representantes exclusivos para Portugal, Ilhas e Colonias

CANHA & FORMIGAL, L.da

RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 6

Automoveis «MINERVA»

Em exposição no **Stand Minerva** estão dois carros, verdadeiras maravilhas de arte, saidas das importantissimas fabricas **Minerva Motors Limited**, sendo:

1 confortavel coupe Limousine 30 HP., 6 cilindros, e:
1 elegantissimo torpedo 15 HP., com 6 lugares.

Aos entendedores e amadores de automobilismo recomenda-se uma visita a este Stand

Unicos agentes desta marca em Portugal e Colonias

CASAL, LIMITADA

LISBOA—Rua do Comercio, 70
PORTO—Rua José Falcão, 75

Côte d'Azur

É O MELHOR VINHO ESPUMANTE

Unicos depositarios no Continente, Ilhas e Africa:

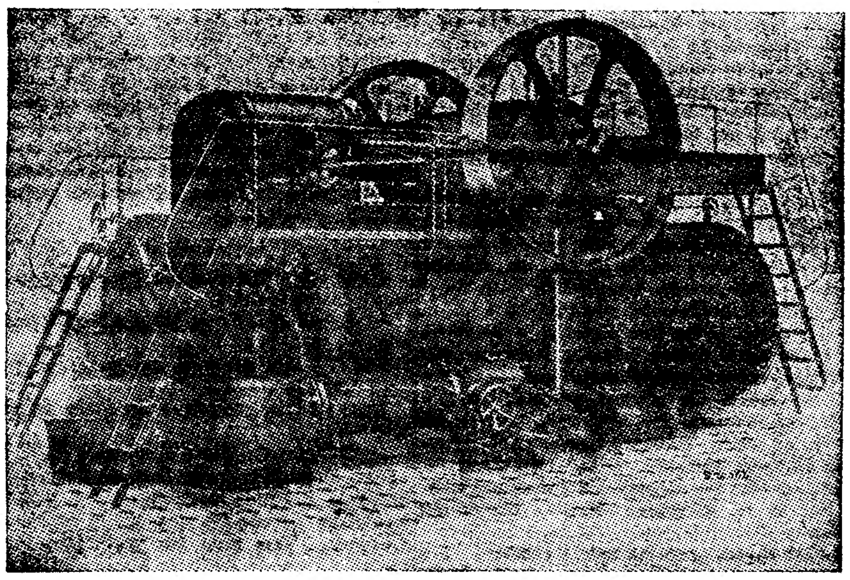
Mercantil Continental e Insular

R. dos Bacalhoeiros, 37, 41

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.da

Sede em Lisboa
Rua da Boa Vista, 43
Telefone C. 397

Filial no Porto
Rua das Carmelitas, 40



Representantes para Portugal de locomoveis e semi-fixas LANZ

MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS

AZEITES

REFINADOS PARA CONSERVAS

DA ACREDITADA CASA

CARBONELL & C.a (S. em C.)

CORDOBA

Pedidos e amostras aos agentes exclusivos para Portugal

J. NARCISO, L.da

Rua dos Alamos, 7—LISBOA

Telef. 3121—N.

«ELITE» O MAIS RESISTENTE

CAMPO, TERMAS E PRAIAS

COLOSSAL SORTIMENTO DE CALÇADO branco para senhoras, homens e creanças por preços sem competencia

Sapataria Universo, L.da

50, R. Santa Justa, 52

PERFUMARIA ROSA D'OURO

GRANDE E COMPLETA VARIEDADE EM TODOS OS ARTIGOS DE PERFUMARIA

MANICURE PARA SENHORAS

279—RUA AUREA—281

PEREIRA

ALFAIATE

Confecções para homens e senhoras

PREÇOS SEM COMPETENCIA

R. DA PRATA, 266, 1.°

MELINA

O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Geral

Fernandes, Almeida & C.a, L.da

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.°

COLARES

VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

Grande Prix na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922

Agentes gerais do país:

Regional Vinicola, L.da

DEPOSITO

R. Nova da Trindade, 20 (Tel. N. 2644)

PROPRIETARIA

Companhia de Vinhos e Azeites de Portugal

R. do Alecrim, 53, r/c. (Tel. C. 5113)

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Compra e vende

Livraria Peninsular

79, Rua Poço dos Negros, 79

LISBOA—PORTUGAL

AO COMERCIO

A Leitaria Mondego, Rua dos Cavaleiros, 12, convida todos os seus credores a virem reclamar até ao dia 16 do corrente, na Rua Eugenio dos Santos, n.º 2, os seus creditos, findo este praso, considerará liquidadas as suas contas.

Lisboa, 8 de Agosto de 1923.

Manuel Migueis Gonçalves

João José Gonçalves

FALECEU

A firma Gonçalves & C.a, Lda., da rua do Comercio, n.º 178, 3.º, participa a todos os seus amigos e clientes o falecimento do sr. João José Gonçalves, realisando-se o funeral amanhã, pelas 14 horas, da rua Gremio Lusitano, 10, 2.º, para o cemiterio ocidental.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

REPARAÇÕES E DIVIDAS

Plano

de amortisação

das dividas inter-aliadas

baseado

no pagamento aos americanos

com as reparações alemãs

LONDRES, 10

O primeiro ministro recebeu ontem os representantes da Comissão Americana de Comercio Internacional que lhe foram expôr um plano de amortisação das dividas inter-aliadas.

Este plano é baseado no pagamento das dividas aos Estados Unidos com as reparações alemães, havendo que introduzir uma emenda no Tratado de Versailles de modo a permitir á Alemanha o poder competir comercialmente com as outras nações, e suficientes garantias franco-alemãs sobre um ataque militar.

O sr. Baldwin respondeu exprimindo a sua admiração pela elevada conceção de tal plano, mas que apresenta grandes dificuldades para a sua execução.—(E.)

A Inglaterra

e a nota á França e á Belgica

LONDRES, 10

O conselho de ministros reunido ontem deliberou sobre a naturesa das respostas a enviar á França e á Belgica, as quais serão enviadas depois de cumpridas as formalidades usuais, esperando-se que o seja na proxima segunda-feira.

O segredo diplomatico é naturalmente observado nas estações oficiais mas dentro de poucos dias, com a publicação da correspondencia sobre o problema das reparações e a ocupação do Rhur, serão simultaneamente feitas.

«The Times» diz que os documentos diplomaficos serão publicados em duas series, uma aberta com o «memorandum» alemão de junho e a outra com as suas novas propostas e contendo varias comunicações trocadas entre os governos aliados nas mesmas datas.—(E.)

CINEMA CONDES

A estreia de hoje

Damos a seguir o magnifico programa de hoje no Condes com a sua notavel estreia: «O crime do chumeca», 5 partes, estreia; Mãos de Arminho», 2.° capitulo, «A sombra do morto»; «Piloto negociante», pelo engraçadissimo cão Piloto.

E', como se vê, um soberbo programa, que nada fica devendo aos das ultimas noites no Condes.

Dr. Salvador Marques

Doenças venereas — Urologia — Syphilis. Das 13 ás 14 1/2 e 16 17 1/2.

RUA AUGUSTA, 220, 1.° E.

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE — ás 21,45 — HOJE

FADO CORRIDO

CELEBRE REVISTA

em scena ao mesmo tempo no Teatro Maria Vitoria

O maior sucesso da actualidade

O mais deslumbrante espectaculo — Uma noite de alegria e de gargalhada

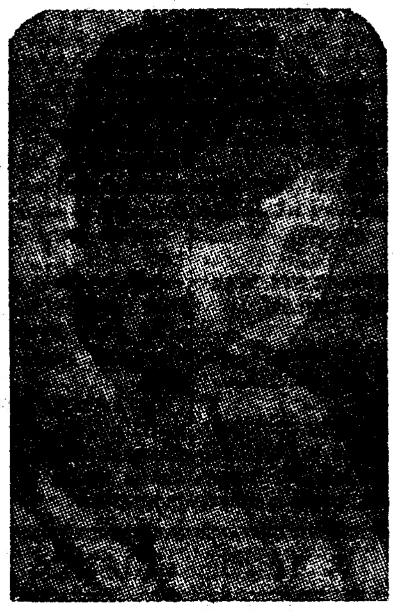
A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

Um anjo

de candura

que já condenou á morte

mais de 200 pessoas



Ana Gluzman

Pouco a pouco, á medida que o tempo passa na sua faina de justiça, e á medida que os factos surgem a documentar, na sua missão de testemunhos fidedignos, a verdadeira rasão dos acontecimentos, uma grande obra rehabilitadora se vai fazendo á actuação do sovietismo russo. Dizia-se até ha pouco — os leitores lembram-se — que aquilo era um regimen odioso; que os governantes russos eram uma cafila insuportavel; que eram todos tão maus, tão perversos, tão sanguinarios, que até pela cara se conheciam. De cada vez que nos jornais ou nas revistas aparecia um retrato de feições horrendas, já a gente sabia, era o retrato de um bolchevista graduado. Arranjavam-lhes cada figura, que bastava olhá-la para se ficar com azar ás instituições vermelhas. Mulheres, então, isso era uma desgraça. Quer parecer-nos, mesmo, que não houve carranca de fonte que os fotografos não atribuissem, certamente por troca, ás mulheres notaveis do bolchevismo. Aquilo não eram caricaturas de sogras; eram autenticas carantonhas de bruxas de caverna, daquelas que parecem coisa do inferno; das que nos deixam uma impressão de horror semelhante á que experimentariamos se nos aparecesse, á noite, no escuro da escada, a propria avó do Diabo.

As mulheres bonitas podiam lá — as mulheres bonitas são sempre uns anjos de candura!... — aceitar um estado de coisas como o que os soviets haviam determinado na Russia, onde o povo dos campos morria de fome, e onde o povo das cidades era trucidado nas ruas, e onde os homens de valor eram fusilados como malfeitores ou como feras perigosas; e onde só o crime, o despotismo e a chacina deram em imperar desde que soou para os ex-subditos do czar a hora da redenção?...

E' certo que, já então, andavam certas mulheres por esse mundo em fora, a disputar aos homens, com as prerogativas civis que o direito antigo lhes conferiu, a liberdade de ser mau, e de ser sectario, e de ser hipocrita, e de ser, em nome de uma fraternidade toda feita de mentiras, o carrasco de seus irmãos. Mas ninguem acreditava; ninguem podia sonhar, sequer, que uma mulher bonita, uma mulher das que nós somos capazes de amar, se prestasse a colaborar, mesmo como actriz de pano de fundo, naquela tragedia de odios e de maldições.

Pois estavamos todos enganados, e estavamos todos, em consequencia, a caluniar o bolchevismo; porque se prova agora que as suas «virtudes» de humanitarismo e de benemerencia social» têm, pelo menos, como se prova com a presente gravura, uma mulher bonita que as propaga e as pratica.

Ana Gluzman o modelo de carne e osso que se reproduz fielmente, e até um tanto desvalorisado na copia — é, ou não, uma rapariga bonita? Querem uns olhos mais ternos do que os dela? Querem uns labios mais tentadores do que os seus?

Pois fiquem os senhores sabendo que Ana Gluzman, com aqueles olhos de fada, com aqueles labios de amor, com todo aquele conjuncto de beleza, é, nada mais nada menos, a presidente do tribunal sovietista de Kharkow e... já condenou á morte mais de duzentas pessoas!!!

Digam lá agora se não é certo que a «gente vê caras, não vê corações»...

Automoveis «BIGNAN»

Acreditada marca vencedora de varias provas internacionaes

1.° premio — Grand-Prix turismo, Bruxelles 1922

1.° premio — Classificação geral, Gran-Prix, S. Sebastian 1923

Detentor «record» do mundo — Grand-Prix resistencia 24 horas — 86 kilometros á hora

SAUER

Das melhores espingardas do mundo Aço Krupp

— GRANDE STOCK —

UNICOS AGENTES:

Pereira de Carvalho, Ltd.

Tel. 3329 16, Largo do Carmo, 17

NOTICIAS DE MADRID

Raids

das 3 posições

Drius, Tafersif e Khartin

e córte

da extensa linha de telefonia

entre Keldano e Sadi

MADRID, 10.

Comunicado oficial de Marrocos, de ontem á noite:

«Das posições Drius, Tafersit e Khartin sairam colunas, que realisaram varias manobras como «raids», regressando sem novidade.

Na noite de quarta para quinta foi cortada a linha telefonica entre Kebdano e Sidi, levando os rebeldes cem postes e quatro quilometros de linha. A comunicação ficou ontem restabelecida.

Nota-se grande movimento entre as hostes marroquinas, reforçando os rebeldes as suas guardas e aumentando as fortificações.» — (L.)

A situação

da praça de Alhucemas

MADRID, 10.

O Conselho de Ministros reuniu-se na presidencia, com a assistencia do Alto Comissario em Marrocos, o qual declarou já haver informado os Ministros dos Negocios Estrangeiros, Guerra e da Marinha da situação em Alhucemas.

O Conselho reune hoje novamente para os varios ministros exporem as suas soluções, interrompendo seguidamente os seus trabalhos para que sejam estudadas por todos individualmente, e só depois serão tomadas deliberações, que o Alto Comissario então levará á pratica. — (L.)

D. Afonso XIII

chegou já a Madrid

MADRID, 10.

O Rei chegou ontem á noite, vindo de Santander, acompanhado pelo Duque de Miranda, regressando hoje á noite ou sabado de manhã.

No Liceu America realisou-se uma sessão de homenagem a Benavente, com uma enorme concorrencia onde se encontrava tudo quanto de mais selecto existe nas artes e nas letras.

O ilustre dramaturgo leu um precioso discurso relatando as suas impressões da viagem á America e expondo os seus projectos de futuro. — (L.)

Uma guerra civil

na Grecia?

LONDRES, 10

Telegramas de Salonica, via Viena, afirmam que a guerra civil está iminente na Grecia.

Grandes demonstrações de trabalhadores contra o alto custo da vida têm-se realisado em Atenas e Salonica.

Teme-se que as forças de cavalaria em marcha sobre Salonica tenham por objectivo a proclamação dum novo governo naquela cidade. — (L.)

DR. MIGUEL DE MAGALHAES

Monitor da clinica de Necker — Paris

RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis

T. N. de S. Domingos, 9, 1.°, ás 15 h. Telef. 5205-N

6 HORAS DA TARDE ULTIMAS NOTICIAS 6 HORAS DA TARDE

DENUNCIA GRAVE

Um crime de infanticidio

Não foi encontrado o cadaver da pobre creança

O agente Almeida foi encarregado pelo chefe da 3.ª secção, sr. Pereira dos Santos, de apurar o que ha de verdade na denuncia feita por Maria Narcisa que acusa Maria dos Prazeres Balbina, de 18 anos, criada de servir, de ter, em julho ultimo, enterrado um filho recemnascido, proximo dum olival, auxiliada por Maria Clara, de 28 anos e Maria Luiza Paula, de 48 anos, que tambem se encontram presas.

A Maria dos Prazeres é uma rapariga baixa, magra, cabelos louros, olhos azues. Veste uma bata ás riscas brancas e cinzentas. Na cabeça um lenço amarelo, com uma ponta deitada para tráz. Apresenta-se descalça. Começa o interrogatorio:

—Onde enterraste a criança? inquire o agente Almeida.

A Maria dos Prazeres, entre lagrimas e soluços, nega, nega sempre.

O agente:

—Tens que ser examinada na Morgue... Não era preciso isso porque ha pessoas que viram enterrar a criança.

—Eu não enterrei nenhuma criança. Ha um ano tive um filho que me morreu.

—Onde está ele?

—No cemiterio do Alto de S. João.

—Onde estão os documentos?

—Não tenho documentos. Embrulhei a criança num chale e entreguei-a ao coveiro, porque não tinha dinheiro para lhe fazer o enterro.

—E a certidão de obito?

—O meu primo é que tratou disso.

—Era o pai da criança?

—Não, senhor. O rapaz com quem vivia abandonou-me, no fim de quatro meses, e foi para Africa.

—Como se chama ele?

—Chamavam-lhe o Manuel Ceguinho.

—E o outro em que olival está enterrado?

—Juro que não enterrei nenhum.

—Com quem vivias?

—Em casa dum velho de quarenta e tantos anos, por esmola, visto o meu padrasto não me consentir em casa.

—Tinhas em casa desse velho algum quarto?

—Não, senhor. Ficava ao ar livre num quintal. A minha cama e o meu cobertor eram uma saca. A minha mãe é que me valia. A's ocultas de meu padrasto, lá me mandava alguma coisa de comer.

Como não confessa-se, ficou incomunicavel, bem como as suas companheiras

Funcionarios das obras publicas

A ronceirice da burocracia

O pessoal externo das repartições do Ministerio do Comercio, composto de engenheiros, apontadores de obras publicas, etc., esteve hoje fazendo ao secretario do respectivo ministro um pedido absolutamente justo. Trata-se do seguinte:—quando da aplicação do penultimo decreto que melhorou a situação dos empregados publicos, aqueles funcionarios, por um erro de que não têm culpa, foram prejudicados nos seus vencimentos. Imediatamente lhes foi dito que o engano ia ser reparado. Mas foi só a promessa. Ha quasi quatorze meses que eles estão esperando com uma paciencia evangelica que a diferença lhes seja paga.

Recomendamos o caso ao sr. ministro do Comercio, certos de que s. ex.ª resolverá o assunto sem mais demora.

Bem basta aos apontadores, para pouca sorte, ganharem menos do que um continuo do ministerio e do que uma dactilografa.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.
Telef. 5432—Norte
R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»)

O caso dos T. M. E.

A FROTA DA MARINHA MERCANTE vai ser posta, de novo, em concurso

Milhares de pessoas sem trabalho

O caso, tão complicado, dos «Transportes Maritimos do Estado», vai ter, finalmente, uma rapida solução?

Hoje foram recebidos, pelo sr. Presidente do Ministerio, alguns delegados das Associações Maritimas, que lhe foram pedir a rapida solução do problema dos T. M. E., problema que influe na economia do Paiz e na de milhares de trabalhadores, que ha nove meses lutam com falta de trabalho.

—Já ha tempos fizemos identica representação ao Parlamento—diz-nos um dos delegados.

—E então?

—Foi recebida nas duas camaras, e por ultimo remetida ao Poder Judicial...

—Ao Poder Judicial?

—Pelo facto—relatou a imprensa—«de não estar em termos de ser recebida».

—Excesso de calor, não?

—Perante a necessidade que começava a bater-nos á porta, perante a perspectiva dum futuro proximo cheio de amargura para os nossos lares, poderia haver calma na confecção dessa mensagem? Evidentemente que não.

—O que é que os senhores pretendem?

—Pouco mais ou menos, e em resumo o seguinte: entrega de todo o material de passageiros a quem se proponha fazer as linhas Norte, Sul do Brasil e America do Norte; divisão dos navios de carga em três grupos, conforme o numero de tonelagens; eliminação do n.º 5 do artigo 15 da lei n.º 1346, e fazer o Estado vendas, embora com restrições, de preferencia a associar-se.

—Que disse o Presidente do Governo?

—Que já no ultimo conselho de ministros havia sido tratado o assunto, tendo sido decidido pôr-se a frota, de novo, a concurso, mediante o parecer da lei n.º 1346.

Os manifestantes dirigiram-se depois ao Ministerio do Comercio, onde falaram, tambem, sobre o assunto, com o ttitular dessa pasta, que prometeu interessar-se pelo caso.

A TARDE POLITICA

A recomposição MINISTERIAL e a vinda de Afonso Costa

A crise politica continua na mesma e muito obrigada a quem se interessa por ela.

Só ámanhã o chefe do governo conferenciará com o sr. Presidente da Republica, sendo natural que apenas na segunda feira sejam conhecidos os nomes dos ministros que tomarão conta das pastas da Agricultura, Finanças e Guerra.

Os nomes ministeriaveis que o «Diario de Lisboa» já arquivou são os que continuam a ser indigitados nos locais onde se discute politica.

Esta tarde, alguem nos afirmou que o sr. Maia Magalhães não desejaria sobraçar a pasta da Guerra, preferindo continuar na chefia do gabinete daquele ministerio.

A ser verdadeira a afirmação o futuro ministro da Guerra será o sr. Antonio Maria da Silva.

A pasta das Finanças, aquela que mais atemorisa os nossos politicos, ainda não tem quem queira ocupá-la.

As dificuldades que ela encerra são de molde a encher de receio até aqueles que anceiam por ser ministros.

Essas dificuldades apresentam-se agora muito mais avolumadas, porque o presidente do ministerio não quer de modo algum consentir um aumento de circulação fiduciaria, sobretudo estando o Parlamento fechado.

* * *

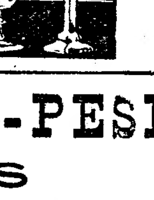
De hoje a duas semanas deve chegar á sua casa da Serra da Estrela o sr. dr. Afonso Costa. A sua vinda a Portugal, nas actuais condições politicas, influirá fortemente no desenrolar dos acontecimentos nacionais.

No entanto, apezar do que se tem dito, não é muito provavel que o sr. dr. Afonso Costa leve a sua intervenção na politica portuguesa ao ponto de presidir a um ministerio.

Muitos amigos do antigo chefe do P. R. P., entre os quais as pessoas mais representativas do partido, irão expressamente á Serra da Estrela fazer-lhe uma manifestação de simpatia.

* * *

O sr. ministro da Instrução parte hoje para S. Pedro de Muel, onde se demorará até á proxima terça feira.

COLLARES BURJAÇAS

LIBRAS--FRANCOS--PESETAS
EM NOTAS
VENDEM OS CAMBISTAS
A. J. D'ALMEIDA & C.ª
RUA DO COMERCIO 172—176

EM SANTA CLARA

A agressão a Homem Cristo

Foi hoje absolvido o filho do general Sousa Rosa

Foram hoje julgados no Tribunal Militar, em Santa Clara, o alferes Sousa Rosa e o tenente Alves Porto, acusados de agredirem na sala dos Passos Perdidos do Congresso da Republica o deputado sr. Homem Cristo. Presidiu o coronel sr. Eduardo Augusto Vale, tendo como juiz auditor o dr. Almeida Ribeiro e como promotor o tenente-coronel sr. Bandeira de Lima. A defeza estava a cargo do sr. dr. Antonio Candido Artur Leitão.

O sr. dr. Almeida Ribeiro interroga o arguido o tenente sr. Porto, que declara:

—Eu apenas intervi no conflito para evitar um mal maior.

E' interrogado o alferes sr. Sousa Rosa.

—O reu foi á camara para agredir o deputado sr. Homem Cristo?

—Não senhor. Quando me dirigi á camara já havia posto de parte a ideia de bater no referido deputado.

—Porque veiu o arguido a Lisboa?

—Regressei a Lisboa para me bater em duelo com o sr. Homem Cristo, mas como soubesse que ele era um desqualificado, puz essa ideia de parte.

O presidente do tribunal:

—Advirto o reu que se não pode dirigir dessa forma a um deputado da nação.

As testemunhas de acusação declaram ter visto o filho do sr. Homem Cristo envolvido em desordem com o sr. alferes Sousa Rosa.

Antonio Joaquim Correia, continuo do Congresso, descreve como os factos se deram.

O advogado:—Viu o sr. Homem Cristo bater no sr. Sousa Rosa?

—Não senhor.

—Os senhores estão habituados a presenciar scenas de pugilato dentro do Congresso?

—Infelizmente, é assim...

As testemunhas de defesa:

O tenente-coronel Ferreira Viana afirma que a atitude do alferes Sousa Rosa foi motivada pelos ataques feitos tanto a ele como a seu pai pelo sr. Homem Cristo.

O sr. dr. Artur Leitão diz:

—Não assisti á scena. Assisti á preparação do conflito, organizado pelo sr. Homem Cristo.

O general sr. Pereira Bastos declara que a campanha iniciada pelo sr. Homem Cristo contra o general Sousa Rosa, é motivada pelo facto da comissão de finanças de que ele fazia parte ter dado uma informação contraria a um projecto que reintegrava no exercito e no posto de general o referido deputado.

A seguir iniciam-se os debates. Pouco depois é lida a sentença que absolve os arguidos.

Dr. Santos Farinha

O seu funeral

Constituiu uma grande e sentida manifestação de pesar o funeral do ilustre sacerdote e distintissimo orador sagrado, dr. Santos Farinha, gloria do clero português.

O feretro saiu ás 16,30, da igreja de Santa Isabel, entre filas compactas de povo, para o cemiterio do Alto de S. João onde o caixão, sem corôas nem flôres, conforme a doutrina do direito canonico, baixou a uma campa rasa.

Encorporaram-se no funeral todas, ou quasi todas, as individualidades em destaque no nosso meio, figuras da aristocracia, do clero, do exercito, das letras, da politica, etc., e centenas de pobres que choravam a morte do seu grande bemfeitor.

O *Diario de Lisboa* fez-se representar pelo sr. Pedro Bordalo Pinheiro.

Descance em paz o morto ilustre que esta tarde foi a enterar.

A censura teatral

Foi convocada para se instalar, na proxima terça-feira, pelas cinco horas da tarde, a comissão encarregada de rever e regulamentar o decreto de 29 de março de 1890, sobre censura teatral.